

Na Academia dos Grulhas (1)

(ESBOÇO DE UM CIRCULO DE ESTUDOS)

PERSONAGENS:

Oradores da Direita: — Teófilo Verdades, Rafael dos Anjos, João Esperto, Miguel Sincero, Paulo Santo e João das Regras.

Oradores da Esquerda: — Rodrigo Habilidade, Espírito Santo Liberal, José dos Saltinhos, Vicente Concórdia, Jorge Sansão e Bento Calado.

Presidente e dois secretários.

A SCENA:

Representa um gabinete com mesinha ao fundo, sobre um pequeno estrado, para a presidência. Aos lados, em ângulo obtuso com a mesa do centro, duas filas de carteiras com cadeiras, onde se sentam os restantes personagens.

Presidente — (Levanta-se e diz)

Meus senhores:

Quando ia terminar o ano de 1914, êsse ano de desolação e de ruínas em que nações poderosas se entrechocaram no campo sangrento da batalha, nêsse momento solene fez-se ouvir a voz serena e paternal de um ancião respeitável, que êcoou pelo mundo inteiro como badaladas tranqüilas de sineta de alarme no meio da refrega do vendaval.

«*Paz entre os homens*», bradava aquele ancião venerável, pai de todos êles, e, quando a sua voz se perdia na imensidade do espaço, quando seus filhos extraviados, sim, mas a-pesar-de tudo filhos, o não escutavam, aquele santo velho, com o coração amargurado e já sem forças para resistir a tamanha dôr, inclinou profundamente a cabeça para dizer: «talvez lá no céu chegue a conseguir aquilo que não pude alcançar na terra». Depois, cerrando os olhos afim de não vêr mais êsse teatro de horrores, abriu-os eternamente para as alvoradas de uma bem-aventurança esplendorosa.

Esse velho, santo e respeitável, era Sua Santidade Pio x.

Meus senhores:

Ao abrir esta sessão, não podia deixar de consagrar algumas palavras de homenagem e reconhecimento à memória dêsse inolvidável Papa, que foi um sábio Pastor Supremo, o grande precursor da paz e o pai extremo das criancinhas.

(1) Êste trecho foi traduzido da revista «De Bromo y de Veras» anexa ao Mensajero del Corazon de Jesus, de Bilbao, dirigida pelos Rev.^{os} Padres da Companhia de Jesus a quem agradeço penhoradamente a licença da sua publicação, que vai com uns pequenos acréscimos de conveniência para o meio português.

Os dois Jovens Cativos

MELODRAMA EM 3 ACTOS POR A. LEBARDIN

Tradução da 24.^a edição francesa pelo P. João Roberto Maciel, música do maestro Prudêncio Pinheiro. (1)

PERSONAGENS :

Rodolfo, capitão de ladrões, 45 anos; Pedro, lugar-tenente duma quadrilha de bandidos, 30 anos; Sterno, bandido, 25 anos; Frederico, filho do Conde de Lansfeld, 12 anos; Alfredo, filho do Conde de Lansfeld, 9 anos; Conde de Forté Mollé, depois Conde de Lansfeld, 30 anos. Vários bandidos.

Allegretto *Preludio*

(1) O senhor André Lesot, de Paris, dono da propriedade literária e artística do original francês, vendeu ao autor do livro « *Rapaçadas Teatrais* » o direito exclusivo da sua tradução em português. A música agora aqui publicada é do insigne maestro Prudêncio Pinheiro e foi feita expressamente para a tradução portuguesa do Rev.^{mo} Sr. P.^e João Roberto Pereira Maciel, a quem agradecemos penhoradamente a amável fineza da cedência gratuita do seu trabalho para este livro.

VENCESTE!

(Drama religioso em três actos e em prosa)

Original de D. Frederico Urcarregul — Traduzido pelo P. José Luís Zamith (1)

PERSONAGENS :

Sofista ; Trust ; Linotipo ; Pincel ; Monarca ; General ; Blusa ; Peregrino ; Dois criados ; Comandante da Escolta ; vários Soldados ; Povo ; o Papa ; Fiéis.

1.º ACTO

A SCENA :

Representa a residência do Sofista. Ao fundo um palácio com porta de entrada praticável. Jardim, arvoredos, bancos, cadeiras de campo e uma mesita.

SCENA I

(SOFISTA, TRUST, PINCEL E LINOTIPO, *Entrando pela D.*)

TRUST — Apenas recebemos o aviso tratamos logo de nos apresentar para lhe oferecer o que somos e o que valemos.

PINCEL — É a que empresa mais transcendental, nobre e gloriosa, poderíamos consagrar as nossas limitadas forças ?

SOFISTA — Dizes bem.

LINOTIPO — Querido mestre, pode contar com a nossa mais entusiástica e decisiva cooperação.

SOFISTA — Bem sei, bem sei ; e por saber isso foi que vos mandei chamar a todos. O nosso rei também conta convôco.

(1) Publico este drama traduzido a meu pedido pelo saudoso P. Zamith, do n.º 97 da esplêndida revista «*De Bromo y de Veras*» (Janeiro de 1919), a cujo director agradecemos em nome dos leitores o favor da transcrição. O seu autor mostra-se um verdadeiro mestre neste género de teatro simultaneamente cómico, dramático, alegórico, didático e apologético. Como diz o Rev.º Sr. P.º Vilarinho, director da referida revista, o drama «*VENCESTE!*» é uma peça grandiosa pelas admiráveis lições que nos dá e pelo seu esplêndido desenvolvimento. É muito apta para representar o Reinado de Nosso Senhor Jesus Cristo e da Sua Igreja, que nunca perecerá.

Um Rapaz Endiabrado ⁽¹⁾

(PANTOMIMA EM 1 ACTO)

PERSONAGENS:

Luís, 12 anos; Bonifácio, majór reformado, 60 anos; Matias e Bernardo, tipos aparolados; Manuel, criado de café, com casaco branco, etc.; António, muito gordo, trazendo uma barriga enorme, feita de arames, 40 anos; José, tipo Adelaide, muito magro e esgulo, 30 anos; Chico, rapaz da escola, amigo de Luís, 10 anos; Polícia, 30 anos; Fotógrafo, 25 anos; Eduardo, pai de Luís, 50 anos; Cícero, professor de Luís, com os respectivos óculos, etc., 40 anos.

SCENA:

Um jardim com dois bancos próprios, no 1.º plano, voltados um para o outro, formando ângulo agudo com o centro do pano de fundo: um à D. B. e outro à E. B. Ao fundo da D. um café com porta praticável, e, em frente dêle, duas ou três mesinhas com cadeiras respectivas.

Durante a scena devem atravessar o palco homens, mulheres, crianças, etc., alguns dos quais se sentam às mesas e são servidos com pouca demora. A tudo se deve dar um grande colorido cómico e caricatural.

SCENA I

(BONIFÁCIO E LUÍS)

BONIFÁCIO ao subir o pano está sentado no banco da esquerda a lêr o jornal, tendo em cima do banco o seu chapéu-de-sol.

LUÍS entra pela D. M. com a respectiva malinha dos livros ao tiracólo e repara em Bonifácio, que está concentrado na leitura. Ao Luís surge-lhe de repente a ideia de se sentar em cima da cartola de Bonifácio. Bate na testa e executa o que planeou.

BONIFÁCIO, passados uns segundos, repara na acção de Luís, levanta-se rápidamente e, indignado, dá-lhe com o jornal na cabeça, péga no chapéu e corre atrás dêle.

LUÍS escapa-se-lhe. Na fugida tira do bolso e toca uma gaitinha daquelas formadas por uma comprida língua de papel em fôrma de

(1) Entre crianças costumam produzir brilhante resultado as pantomimas (scenas mudas), porque dão pouco trabalho em vista de nada obrigarem a decorar aos rapazes, naturalmente propensos às travessuras, e só exigirem um bom ensaiador que dê vivacidade cómica à encenação.

Para amostra vão três destas peças feitas expressamente para êste livro, a meu pedido, pelo velho amigo sr. alferes Adolfo Afonso, um especialista na arte dramática, a quem presto aqui o meu cordeal reconhecimento.

Como verão, cada um pôde muito bem criar outras e variar estas indefinidamente com resultado sempre seguro e de fácil obtenção. Nestas peças não há-de haver um único som articulado e tudo se obterá por meio de gestos.

“Um Músico e um Astrónomo em bolandas”

(Pantomima em 1 acto por Adolfo Afonso)

VEJA A NOTA DA PÁGINA 50

PERSONAGENS:

ARQUIMÉDES — Matemático astrónomo. Veste um chambre comprido e muito cómico, traz na cabeça uma carapuça em fôrma de funil muito alto, onde se encontram desenhadas a meia lua e algumas estrêlas. Usa grandes óculos sôbre um nariz postiço e adunco.

FABIÃO — Mestre de música de aldeia; calça chinelos abertos, de cabedal, e meias brancas; traz às costas um chale-manta e na cabeça uma pequena carapuça de andar por casa; toma rapé e usa lenço tabaqueiro.

POLÍCIA — Trajo característico, mas muito caricatural.

REINALDO — Rapaz de doze anos, muito azougado.

DOIS MÚSICOS DE ALDEIA com pratos e bombo.

UM GRUPO DE MÚSICOS DA CIDADE com instrumentos estridentes.

A SCENA:

Representa uma sala dividida ao meio com um bastidor perpendicular à cúpula do ponto, formando assim dois gabinetes: um à E. para o matemático, e outro à D. para o mestre de banda. Cada um dêstes gabinetes só tem uma porta praticável, ao fundo.

NO GABINETE DA E. — *haverá à E. B. um quadro negro completo e uma pequena mesa com cadeira. A' D. um outro quadro incompleto. Em cima da mesa e espalhados, ou amontoados pelo chão, vários livros muito grandes e velhos.*

NO GABINETE DA D. — *uma mesa à D. B., uma estante de música, um bombardino ensacado e, pelo chão, várias rumas de músicas manuscritas.*

Ao centro deve estar suspenso do urdimento um cordel com um anzol na ponta para, no n.º 17, engatar no boné do policia. Êste cordel há-de ser de correr, isto é, de maneira que pôde subir ou descer conforme fôr puxado pelo individuo que o maneja de fóra da scena.

1.º

Ao subir o pano **Arquimédes** está no seu quarto da E. a resolver um problema escrevendo com giz no quadro negro da E. De vez em quando fica pensativo e vai consultar os livros para depois continuar a escrever no quadro até o encher completamente. Vendo que a operação se torna complicada e não cabe tôda ali, resolve-se a ir buscar outro quadro para a tripeça da D., saindo pela porta do fundo.

UM CHARLOT BARATO

PANTOMIMA EM 1 ACTO

(VEJA A NOTA DA PÁGINA 50)

PERSONAGENS :

Charlot, usa casaco preto, curto e largo; calças curtas, largas em cima mas apertadas na extremidade; ao pescoço um lacinho vermelho; na cabeça um côco baixo de abas estreitas; bigode característico; sobranceiras fartas e negras; os pés voltados para fóra com andar miudinho firmando-se nos calcanhares, que devem sempre estar unidos; calça umas botas grandes de mais para os seus pés; na mão direita traz uma bengalinha de junco, que termina na parte superior em forma de gancho; está ordinariamente a manifestar o seu *tic* nervoso, ora contraindo os músculos do rosto, fechando e abrindo os olhos, dirigindo-os de esguelha tanto para a direita como para a esquerda, e agitando uma vez ou outra, entre os dedos da mão direita, a referida bengala que, de vez em quando, atira ao ar e logo apanha; dá uns saltos miudinhos de pateta desconfiado. Luiza, senhora nova, que traz um cãozinho prêso por um cordel. Paulino, vestido de bufarinheiro (*vendedor ambulante de bôlinhas e vários brinquedos de criança*). Zixaxa, rapaz preto, vestido de *groom*, que vem carregado de encomendas e chapeleiras de senhora. Policia, com o traço característico. Jardineiro, tipo labrêgo, em mangas de camisa, tamancos nos pés e chapéu de palha na cabeça. Bernardino, tipo de major reformado, gôrdo, mosquinha no queixo, polainas nos pés e grande flôr ao peito. Dentista, tipo de bigode à Kaiser, sobrecasaca, lunetas, cartola alta e cabeleira de poeta: traz na mão um banco de armar e uma pequena malinha. Pasteleiro, suíças na cara, barrete branco na cabeça, blusa escura e avental branco de cosinheiro (ao pescoço um taboleiro com bolos enfarinhados, um ovo e algumas batatas grandes). Dois garotos, um com grande taboleta de espectáculos, e outro com uma caixa de rufo. Um sujeito, tipo de caixeiro viajante. Rapazes (3), idade, 12 anos.

A SCENA :

Representa um jardim público. Bancos próprios à D. B. e E. B.

SCENA 1.^a

(LUIZA E CHARLOT)

LUIZA — Entra pela E. A., entretida a ler num livro, trazendo prêso por uma corda um pequenino cão de luxo. Senta-se no banco da D. B., prende o cãozinho às costas do banco e entretém-se com a leitura.

CHARLOT — Entra pela D. A., agita a bengala e pára no centro do 3.^o plano, onde vê inesperadamente a senhora com o cãozinho e faz os trejeitos nervosos que o caracterizam. Aproxima-se do cão, sem que a senhora o veja, e leva-o consigo saindo pela E. A.

LUIZA — Passados momentos, dá pela falta do animal, levanta-se, percorre a scena à sua procura, e sai pela E. B.

CHARLOT — Entra pela D. M. com o cãozinho quási a rasto e vê que a senhora não está.

Condado Fugaz e Atribulado

COMÉDIA EM 1 ACTO (1)

PERSONAGENS:

Conde, 40 anos; Pancrácio (Limpa-Chaminés), 20 anos; Anselmo, mórdomo do Conde, 30 anos; Aniceto, professor do filho do Conde, 40 anos; 1.º criado; 2.º criado.

ACTUALIDADE

A SCENA:

Representa um gabinete luxuosamente mobilado, com duas portas ao fundo, uma janela à E. e outra porta à D. Entre as duas portas do fundo está uma poltrona estofada e, sôbre ela, pendente da parede, um espelho com o vidro coberto de papel prateado para não reflectir o que se passa no Ponto e nos bastidores. A' E. B. uma mesa maior com poltrona junto do ângulo interior. A' D. B. outra mesa mais pequena e, sôbre ela jornais, revistas, um taboleiro com a roupa do Conde, uma toalha e uma campainha.

ADERÊÇOS:

Uma mesa grande, que caiba um homem debaixo dela, e pano para a cobrir; mesa pequena, com pano, para a D. B.; duas poltronas; algumas cadeiras, um espelho com o vidro simulado; jornais e revistas para a mesa da D. B.; um taboleiro com a farda de conde, que pôde ser feita com uma casaca de baile coberta de paninho vermelho, agaloada a lhama dourada, à maneira dos ministros, e umas calças brancas com listão largo dourado sôbre a costura de fóra; duas calças velhas: umas para Pancrácio vestir e outras mais largas, para o conde; dois lenços para Pancrácio: um vermelho e outro branco; um pano e espanador para o criado; um marmeleiro para o criado; fôlha de ferro zincado e areia para imitar o àgua-ceiro; uma bandeja com um copo de água, chocolateira, prato com biscoitos compridos, chícara e pires, duas colheres e assucareiro; 4 rôlos com dinheiro; um relógio de bôlso para o conde; uma pijama para o conde; duas cartas com envelopes para o criado; uma salva com um rôlo de papeis para o 2.º criado; um estôjo de dentista; campainha para a mesa da D. B.

SCENA I

(CRIADO SÓ E DE LIBRÉ)

CRIADO (*Entra pela E. A. e vai limpando o pó dos móveis*) – Ih!... que de pó manda cá para baixo o bruto do limpa-chaminés!... Deixa-me cobrir esta roupa. (*Cobre com uma toalha a roupa que está sôbre a mesa da D. B.*) Se isto não acaba tam cêdo, bem tenho de arrumar tudo daqui para fóra!... E' preciso estar com o ôlho álferta e nunca

(1) Esta comédia foi extraída de um manuscrito do Círculo Católico de Operários do Pôrto e agora completamente refundida e marcada para êste livro.

Brincadeira de Carnaval

FARÇA EM 1 ACTO

PERSONAGENS:

Doutor Salsaparrilha, 50 anos; Claudio e Henrique, estudantes de 20 anos; Carlos e Eduardo: um de 22 e outro de 20 anos; Bonifácio, criado do doutor, 40 anos; Bento, camponês, 30 anos; Raimundo, 60 anos. Músicos, camponeses, etc.

Adereços: — 1 banco de jardim, 1 lampião acêso, 1 carapuça, 1 castiçal acêso, 2 espingardas, apitos, 2 ligas para vendar os olhos, bombo, canas, clarinete, harmónico, ferrinhos, caixa, flauta, cavaquinho, 2 camisas fartas e compridas, barbas compridas, louça partida e uma carapuça pequena para o Doutor.

A SCENA:

Uma vista de campo. Entre a E. A. e o F. E. uma casa com porta e janela praticáveis. A' D. B. um banco de pedra.

SCENA I

(Ao subir o pano o Doutor ao portal e Bonifácio à janela com a carapuça na cabeça).

DOUTOR (*Recomendando*) — Tomaste bem sentido no que te disse?

BONIFÁCIO — Sim, senhor.

DOUTOR — Agora vê lá o que fazes! (*Ouvem-se risos, tocatas e algazarra*) Ouves? Aí andam os doidos à solta.

BONIFÁCIO — Então o senhor não sabe que hoje é dia de Carnaval?!

DOUTOR — Ah! Puxa-lhes o corpo folia?!... Éles cá vêm depois ao consultório para fazermos as contas. (*A Bonifácio*) Não saias de casa!

BONIFÁCIO — Vá descansado.

DOUTOR — Não abras a porta a ninguém!

BONIFÁCIO — Isso sim! Vossa Senhoria imagina que eu sou algum tólo?

DOUTOR — Bom. Até logo. (*Vai a sair*).

BONIFÁCIO (*Chamando*) — O' sr. Doutor!...

DOUTOR (*Voltando-se*) — Que há?! (*Centro do 3.º plano*).

BONIFÁCIO — É se Vossa Senhoria bater à porta, posso abrir?

DOUTOR — Se fôr eu, burro, podes abrir, porque sou o dono da casa.

EXPOSIÇÃO DE FERAS

COMÉDIA EM 1 ACTO (1)

PERSONAGENS:

Cantaclaro, dono de uma barraca de feira com exposição de bichos.

BICHOS { 1.º D. Ignorante em Religião, homem robusto, espadaúdo, com uma barriga enorme feita de arame, fumando charuto; 2.º D. Indiferente em Religião, tipo novo, delgado, barba feita e bem vestido: um verdadeiro dândi com bengala, monóculo e tudo; 3.º D. Incrédulo em Religião, velho carcomido e repugnante, vestido com alguma decência; traz às costas um capote caricato e na cabeça um côco usado; 4.º D. Ímpio, velho nojento, com vestido sebento: traz às costas um chale-manta e na cabeça uma carapuça pequena; toma rapé e usa lenço tabaqueiro; 5.º D. Moderno Anticlerical, jornalista que se vai transformando à maneira de Donini e imita, à moda de macaco, todos os bichos precedentes.

Alguns músicos, 2 palhaços e vários comparsas para representarem o povo: uns vestidos de lavrador, outros de militar, artistas, etc.

A SCENA:

Representa um barracão de feira: ao fundo, no 3.º plano, está um palcozinho improvisado com um pequeno estrado e dois bastidores colocados ao alto, fóra da linha e mais apertados que os outros, tendo por cima uma bambolina mais descida para fingir a boca de um proscênio tapada com uma cortina, que o dono da barraca possa descerrar de vez em quando para ir mostrando as feras.

Na frente, no 1.º e 2.º planos, bancos (pequenos para darem entradas laterais) encostados aos bastidores e dispostos em funil, a formarem ângulo obtuso com a mesa do meio. Depois de começar a exposição, não fica ninguém ao centro, para poderem ser vistos os bichos que Cantaclaro vai mostrando. Adentro dos bastidores está uma grande provisão de barbas, previamente preparadas, e fatos de vários feitios para D. Moderno se poder transformar rapidamente ajudado por algumas pessoas que estarão nos seus postos aguardando ocasião oportuna para lhe darem, uns, o chapéu; outros, as barbas; êstes lhe enfiarem o casaco, aqueles lhe calçarem as botas e ainda outros lhe compõem o vestido e alterarem a caracterização no menor espaço de tempo possível.

(1) Esta comédia foi vertida livremente da revista «De Bromo y de Veras», anexa ao Mensajero del Corazon de Jesus, de Bilbao, que gentilmente nos permitiu a tradução e por isso lhe renovamos agora o nosso agradecimento. A música, rapsódia de cantos populares e os respectivos versos, foram feitos expressamente para êste livro.

Um Ofício para o Menino Jesus

PERSONAGENS:

Militar; Médico; Toureiro; Padeiro; Advogado; Director de manicómio.

(Todos sentados. Ao meio, uma mesa onde está o presidente. Cada um levanta-se quando fala, sentando-se em seguida).

PRESIDENTE:

Senhores: neste congresso
De tão altas competências
Em officios, artes, sciências,
Como outras não conheço,
Vai entrar em discussão
Uma questão transcendente,
E a sessão é permanente
Até final solução: -
Hontem viu a luz primeira
O Deus Menino, em Belém;
San-José, homem de bem,
Quer-lhe dar uma carreira.
Mas por qual se deve optar?
Cada carreira importante
Tem aqui representante:
Começa tu, militar.

MILITAR:

Com mil canhões! o Infante
Precisa ser militar,
Porque nos vem libertar
Da escravidão humilhante.
Será forte capitão
A quem ninguém vencerá;
Dum só golpe cortará
A cabeça de Satan.
Durante a idade noviça
Acho que não será mau
Dar-lhe um cavallo de pau
E uma espada de cortiça.

MÉDICO:

Calma, soldado, mais calma;
Pois convém não esquecer

Que espada não deve ter
Quem é médico da alma.
Este Infante extraordinário,
Que é das almas medicina,
Para a carreira se inclina
De médico ou boticário.
Quando já fôr maiorzito
Há-de abrir uma farmácia,
Donde há-de sair a graça,
Remédio d'alma bemdito.

TOUREIRO:

Não concordo com tais votos,
Essa opinião condeno;
Pois porventura o Pequeno
Sòmente a fazer cerôtos
Há-de estar a vida inteira?
Antes lidar com garraios.
Oçam todos, com mil raios! — :
Toureiro é a sua carreira;
Toureiro é que deve ser;
Ou digo algum disparate?
Pois não vem Ele dar mate
Ao maldito Lucifér?
A minha arte (que eu gabo
E é do mundo tam querida)
Com os cornúpetos lida;
E cornúpeto é o diabo.
Destas razões se vê logo
Que é toiro o negro Lusbel,
Ao qual o Arcanjo Miguel
Pôs bandarilhas de fogo.
E' toiro e toiro danado,
Toiro de má condição,
Que do primeiro rompão
A prega ao mais bem pintado.
Miguel foi bandarilheiro;

OS PEDINCHÕES

TERCÊTO CÓMICO (1)

PERSONAGENS:

Um Pobre, esfarrapado e de saco ao ombro; um Valdevinos, bem vestido; um Festeiro de igreja com opa e de salva na mão.

I

OS TRÊS:

Somos pedinchões,
Grandes mandriões,
Três espertalhões
Vivendo a moinar,
Sempre a pedinchar
E sem trabalhar.
Andamos à caça
De quem nos dê massa
Por geito ou trapaça,
Para a gente andar
Sempre a pedinchar
E sem trabalhar.

CÔRO:

*Se um tipo apanhamos
E bago notamos,
Já o não largamos
Sem dar a gorgêta.
Pelo mundo andamos
Gemendo e chorando,
Vamos arranjando
Sempre muita chêta,
Sempre muita chêta.
Pede aqui, pede ali,
Pede além, pede além;
A pedir, a pedir
Sem parar, sem parar;
Pois nossa missão
E' só moinar,
Pedinchar, pedinchar,
Pedinchar.*

II

SOLO DO POBRE:

Com as carnes núas,
De rôtas falúas
Vou por essas ruas:
— Dai-me uma esmolinha,
Dai-me uma esmolinha!

OS TRÊS:

Dai-me uma esmolinha!

SOLO DO POBRE:

E do rico e pobre,
Do plebeu e nobre
Sempre apanho cobre
Para a cambraínha,
Para a cambraínha.

OS TRÊS:

Para a cambraínha.

SOLO DO POBRE:

Vindo alguma esmola
Meto-a na sacola,
Que até me consola
E prazer me dá,
E prazer me dá.

(1) Êste tercêto com a música foi-nos cedido por um querido amigo a quem agradecemos cordialmente a gentileza.



1

*

- (1) Vendo jornais e cautelas,
- (2) Não tenho quem mande em mim,
- (3) Pelas ruas e vielas
- (4) Sempre me encontram assim.
- (5) Desconheço a minha idade,
- (6) Meu nome..., não sei qual é!...
- (7) Ando por tôda a cidade,
- (8) Faço parte da ralé.

Notas explicativas da encenação

(GAROTO)

(1) O garoto é um rapaz vestido apenas com camisa, sem colete, trazendo umas calças com suspensórios e na cabeça um boné com a pala para o lado. Calça alpercatas e traz de paixo do braço esquerdo um maço de jornais. Entra pela E. A., juntamente com os quatro do grupo dêsse lado e desce à E. B., onde passeia numa das alas dos comparsas, em número ímpar. Depois de assobiados e repetidos os oito primeiros compassos da música, canta só.

Na nota (1)—O garoto pega nos jornais com a direita e mostra-os levantando-a. (2)—Mete os jornais outra vez debaixo do braço. (3)—Estende a direita, como quem indica uma rua. (4)—Abre as mãos. (5)—Mete as mãos nos bolsos das calças (6)—Mãos nos bolsos e encolhe os ombros. (7)—Só as mãos nos bolsos das calças. (8)—Recua para se pôr no fundo, bem ao meio do côro e indica os cutros com a mão direita.

(COMPARSAS)

(1) Os do côro entram ao som da música, ao mesmo tempo que o garoto, em passo de procissão e bambaleando o corpo.

O côro é composto de 8 rapazes que entram (4 de cada lado e um por cada espaço dos bastidores) a cantar com a bôca fechada ou a assobiar trazendo um cigarro na orelha e as mãos nos bolsos do casaco puxando-lhe os dianteiros para a frente, sobre os quadris, à moda dos fadistas: uma espécie dos três ratas da Gran-Via. Ao pescoço trazem um lenço de sêda. Depois do côro dar a primeira volta em linha paralela ao pano do fundo, e de lado a lado do palco, avança cada grupo só desde os bastidores até ao melo do palco para finalmente recuar outra vez até junto dos bastidores e aí ficar cada um junto dos bastidores a bambaleiar o corpo rastejando as pernas ao som da música e a acender o cigarro que traz na orelha fumando-o depois enquanto o garoto canta o solo.

* Esta letra foi adaptada à música da canção « O Garoto da Rua », de Alves Coelho, propriedade da casa Neuparth, da qual é representante em Lisboa o sr. Valentim de Carvalho, que de muito bôa vontade nos deu licença para ser publicada neste livro, e por isso lhe renovamos aqui os nossos cordiais agradecimentos.